

CONCURSO LITERÁRIO



**«NÃO
POSSO
SAIR»**

PALMELA 2020

TEXTO VENCEDOR 2.º ESCALÃO

Liya Kiara
Fonseca

Inês

Quero sair de casa, mas não posso. Não quando estiver muita gente na rua... Quero fazer atividades ao ar livre, mas não posso. É difícil e preciso de muito espaço.... Quero sair de casa, mas demora sempre uma eternidade até ter tudo pronto.

Na rua as pessoas afastam-se. Deixam mais espaço quando passo. Olham fixamente, como se desconfiadas; ou pior, olham e fingem não olhar. Têm medo. Medo do que é novo e diferente; medo do desconhecido. Nos dias bons, não ligo. Faço que não vejo, ou tento compreender. Nos dias maus, apetece-me gritar: “Mas estás com medo do quê? A deficiência não é contagiosa!”

3 meses mais tarde

O mundo está em quarentena. Existe um novo vírus; chamam-lhe COVID19. O melhor é nem sair de casa, mas se sairmos, temos de usar máscara e manter distâncias de segurança uns dos outros. Todos precisam de ter cuidado para não estar na rua quando lá está muita gente; todos precisam de mais tempo para se preparar para sair (levar a máscara, o álcool gel, trocar os sapatos...); todos precisam de espaço...

Ontem ouvi os vizinhos queixosos: “Parece que as pessoas nos olham desconfiados, que têm medo de nós”. Ouvi-os a dizer o quão estranho e desagradável era ter de manter a distância e ver os outros a afastarem-se de nós, literal e figurativamente. Eu já me sentia assim muito antes de ter aparecido o vírus.

As pessoas olham para a minha cadeira de rodas e focam-se logo nas minhas incapacidades. É como se a cadeira fosse a minha manta da invisibilidade. Antes do medo do invisível e contagioso, já existia o medo do visível mas não contagioso. Será que agora que estamos todos no mesmo barco, alguma coisa vai mudar?

Ricardo

Estou livre! Não me lembro da última vez que me senti assim. O ar, o céu, as árvores, as cores... sempre houve tantas cores? Tão vivas? Na prisão era tudo cinzento. Era mesmo tudo cinzento ou só me parecia assim, porque os dias eram todos iguais?

Foram muitos dias. Muitos meses. Muitos anos. Mas agora sou um homem livre. Já lá vão dois meses, mas ainda me parece tudo novo: os carros (de onde vieram todos estes modelos novos?), as roupas (porque é que já ninguém usa calças que lhes sirvam?), as tecnologias (youtuber é mesmo uma palavra?)...

Não tem sido fácil. No início, parecia que já não sabia interagir com as pessoas. Sentia-me sozinho e perdido, mas aos poucos fui-me habituando. Adoro estar ao ar livre, adoro conviver com

os meus amigos. E quando chove, não perco a oportunidade de sair à rua para sentir as gotas a cair sobre o meu corpo. As pessoas ficam a olhar, como se eu fosse maluco. Não sabem que durante anos, a chuva foi para mim apenas uma ideia, um desejo...

3 meses mais tarde...

O mundo está em quarentena. Existe um novo vírus; chamam-lhe COVID19. Dizem que o melhor é nem sair de casa. Tinha prometido a mim mesmo que nunca mais voltaria para a prisão; não pensei que a minha casa se tornasse numa.

Os meus amigos brincavam que eu seria o rei da quarentena, que para mim seria fácil; mas foi ao contrário – fiquei revoltado, achei que o universo estava contra mim. Até que os meus amigos me começaram a pedir dicas de como lidar com o confinamento; e daí, eram os amigos dos amigos a pedir sugestões. Acabei mesmo por fazer uma série de vídeos com as minhas dicas e experiências. Já tenho mais de 1000 visualizações. Será que já sou um *youtuber*?

Sinto falta dos meus amigos; sinto falta do ar livre. Mas a comida na quarentena é bem melhor que na prisão. A casa de banho é mais limpa. E mesmo estando em confinamento, sou um homem livre.

Agora as pessoas precisam de mim e procuram os meus conselhos. Será que quando isto acabar, ainda vai ser assim?

Rafa

Finalmente chegaram! Agora podemos ir dar um passeio! Já estava farto de estar sozinho em casa... Adoro esta gente, mas não percebo o que tanto têm para fazer fora de casa!

Sim, é verdade que nunca saem antes de irmos dar uma volta pelo bairro; mas depois vão-se embora e às vezes voltam tão tarde... Há dias em que me sinto muito sozinho. Não tenho muitos amigos com quem socializar; e quando falo na varanda com os poucos que tenho, o rapaz do andar de cima manda-me sempre calar.

Não quero parecer ingrato. Tenho uma cama fofinha, comida com fartura e donos maravilhosos. Mas podiam ficar comigo um bocadinho mais. Dar passeios um bocadinho mais longos. Sair comigo um bocadinho mais.

3 meses mais tarde...

O mundo está... estranho. Não sei o que se passa, mas estou a adorar! A Ana e o João estão sempre em casa. Dão mais atenção àquelas coisas quadradas luminosas do que deviam, mas não me queixo. Estão comigo muito mais; temos ido passear muito mais; e durante muito mais tempo.

Antes, havia dias que tinha de insistir com eles para irmos lá para fora; agora parecem mais ansiosos para sair de casa do que eu. Que complicados são estes seres humanos! No outro dia, tive mesmo de traçar um limite e dizer “Chega! Já fomos passear três vezes, não quero sair outra vez, deixem-me dormir em paz.” Acho que não levaram a mal.

Estou a adorar ter direito a mais guloseimas (a Ana e o João também estão a ter direito a mais guloseimas – devem andar a portar-se muito bem!), mais mimos e mais passeios. Mas às vezes fico com medo – será que vai mesmo ser sempre assim?

Um ano mais tarde...

Inês

Já há cura. Já há vacina. Tudo voltou ao normal... Será?

Sinto que o mundo mudou para melhor. Parece que as pessoas estão mais simpáticas. Já não se desviam quando passam por mim. Falam, cumprimentam... o meu manto perdeu o feitiço?

Durante a pandemia fiquei a conhecer imensos vizinhos – alguns nunca tinha sequer visto antes. Ajudaram-me com as compras; vinham saber de mim... fiz amizades maravilhosas. A pandemia acabou, as amizades perduraram. O vizinho do rés-do-chão passa cá quase sempre depois do trabalho, e os do prédio da frente confiam em mim para tomar conta do seu pequeno quando não estão.

Ricardo

Já há cura. Já há vacina. Tudo voltou ao normal... Será?

Sinto que o mundo mudou para melhor. Achei que não ia ser aceite, devido ao meu passado. Tinha medo de não conseguir trabalho, que não me dessem uma segunda oportunidade. Afinal, o *youtube* não é a vida real.

Consegui trabalho, conheci os meus vizinhos, fiz novas amizades. Quando chego ao fim do dia, vou quase sempre ao segundo andar jantar com a Inês. Uns dias cozinha ela, outros cozinho eu. Contamos as peripécias do dia um ao outro. Nunca pensei que me pudesse sentir tão feliz.

Rafa

Infelizmente, tudo voltou ao normal... Será?

É certo que os meus donos já voltaram a sair de casa; mas já não é todos os dias, e quando vão, fazem questão de voltar mais cedo. Ainda damos muitos passeios. Já não são tão longos, mas acho que até prefiro assim.

E fiz uma nova amizade! Nos dias em que a Ana e o João não estão, ela vem cá para me levar a passear. Gosto dos passeios com ela: ela tem muita paciência. Paramos para falar com os vizinhos e quando me canso, ela deixa-me sentar ao colo dela até casa. A Ana e o João são as minhas pessoas, mas a Inês não fica atrás!

Município
Palmela